

# Estrangeiros não sentem racismo em Portugal

Vendedores ambulantes provenientes do Senegal, Turquia e Equador afirmaram ontem que não se sentem discriminados e que Portugal é um país “amigável” onde se encontra “paz”.

“Nunca me senti discriminado aqui, tenho muitos amigos portugueses que me ajudam muito”, disse à Lusa Balla Rieng, senegalês a viver em Portugal há 15 anos.

Balla tem 48 anos e já passou por vários países à procura de “melhor vida” mas foi em Portugal que encontrou “a paz”.

“Aqui há mais paz para nós, não temos problemas com ninguém, vivo bem neste país”, disse.

Em Portugal ganha a vida como vendedor ambulante mas é ao Senegal, onde deixou a mulher e os três filhos, que quer voltar.

“Quando ganhar um bocadinho mais e tiver condições quero voltar para lá”, desabafou.

Balla vive com mais dez pessoas numa casa com apenas dois quartos e apesar das poucas condições diz que está bem.

“Para mim está tudo bem, os portugueses são meus amigos e nas feiras quando eu não tenho lugar ajudam-me sempre”, afirmou.

Makhtar Syll deixou o Senegal há 13 anos para se dedicar à venda de artesanato no nosso país.

Para este vendedor as maiores dificuldades para quem chega a Portugal são a língua e a falta de informação.

“Nos outros países há apoios para aprender a língua mas aqui temos que pagar para aprender, o que é muito difícil”, disse.

Ao contrário de outros imigrantes que desejam voltar ao país de origem, Makhtar quer ficar em Portugal mas para isso diz ser necessário “ajuda do povo para aprender a língua e saber quais são os direitos”.

Para este senegalês, o facto dos portugueses estarem há vários anos em Moçambique, Angola e Guiné faz com que não se sinta “tanto o racismo como por exemplo na Alemanha”.

Laura D’Avila veio do Equador há nove anos e diz nunca ter sentido racismo por parte dos portugueses mas sim alguma “ignorância e falta de conhecimento sobre as diferentes culturas”.

“Aqui há muito respeito e carinho. Em comparação com outros países da União Europeia, Portugal é o mais amigável”, sublinhou.

Imigrantes do Senegal, Turquia, Equador chegam diariamente a Portugal à procura de um emprego que lhes permita, um dia, ter uma vida melhor no país de origem.

De norte a sul de Portugal os vendedores ambulantes vindos de outros países vendem artesanato e outros produtos feitos em madeira.

No Inverno voltam ao país de origem para se abastecerem de produtos realizados, a maior parte das vezes, pelas famílias.

Em Abril e Maio regressam a Portugal para venderem nas feiras e romarias que se realizam por todo o país.

Têm origens diferentes mas um objectivo comum: encontrar em Portugal a qualidade de vida que não têm no país onde nasceram.

## Centros de Apoio à Integração já efectuaram 42 mil atendimentos em 2008

Os 81 Centros Locais de Apoio à Integração de Imigrantes (CLAI) que existem no país efectuaram 42 mil atendimentos em 2008, disse ontem, em Vila Real, a alta-comissária para a Imigração e Diálogo Intercultural.

Rosário Farmhouse participou na inauguração do CLAI de Vila Real, que resultou de uma parceria entre o Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural e a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

A alta-comissária salientou que “já foi ultrapassada” a meta de 80 Centros estabelecida no Plano de Integração de Imigrantes. “Já temos 81 CLAI espalhados por todo o país. Este ano possivelmente ainda vamos inaugurar mais um ou dois e 2009 será um ano de consolidação da rede”, salientou.

Segundo a responsável, entre Janeiro e Outubro de 2008 foram feitos mais de 42 mil atendimentos nos Centros, sendo que a maior parte dos imigrantes que recorreram aos serviços eram provenientes do Brasil, Cabo Verde, Angola, Ucrânia e Guiné-Bissau.

A maior parte dos atendimentos estavam relacionados com pedidos de ajuda para regularizações ou de emprego.

Os Centros encaminham ainda os imigrantes para cursos de português, emprego ou na procura de habitação.

“Tentam encontrar respostas às dificuldades que os imigrantes têm na sua integração. São locais privilegiados, porque estão ligados directamente ao Alto Comissariado e têm informação fidedigna”, realçou.

Uma das maiores dificuldades dos imigrantes é, segundo Rosário Farmhouse, a “contra-informação” que se gera nas comunidades, em que alguns “se aproveitam da ingenuidade e do desconhecimento dos imigrantes para passarem informações que não são verdadeiras”.



Os imigrantes que agora chegam a Portugal são maioritariamente provenientes de países africanos ou do Brasil, verificando-se uma diminuição de estrangeiros vindos de Leste.

Uma situação que se explica, segundo a responsável, com o alargamento da União Europeia a Leste.

“Muitos imigrantes procuraram a sua vida mais perto de casa. Têm maior familiaridade com a língua e os novos estados membros da União Europeia estão a ter um maior investimento e é natural que

haja muito mais possibilidade de mão de obra e isso faz com que os fluxos se desloquem para lá”, salientou.

Uma investigadora do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, Maria João Guia, estudou as relações entre imigração e criminalidade e concluiu que “os estrangeiros não são mais criminosos do que os portugueses”.

Rosário Farmhouse diz que concorda “plenamente” com as conclusões da investigadora.